

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT02.018

## CURRÍCULOS DE CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO: FORMAÇÃO HUMANIZADORA OU INSTRUMENTALIZAR PARA COMPETIR?

Francisco Paulo do Nascimento<sup>1</sup>

### RESUMO

Este estudo objetiva estimular a investigação da existência, nos cursos superiores de administração de empresas, de objetivos e conteúdos axiológicos capazes de permitir equilíbrio entre pressupostos de cooperação e atributores de competição visando à preparação pessoal e profissional dos futuros administradores de empresas para atender aos desafios de uma formação integral de gestores. Trata-se de um trabalho propedêutico, de caráter teórico-metodológico tipificado como qualitativista na abordagem metodológica, exploratórios quanto aos objetivos e de revisão bibliográfica quanto aos procedimentos de pesquisa e análise de conteúdo como técnica. Os referenciais teóricos abrangeram autores nacionais e estrangeiros de obras sobre educação como fio condutor, e outros os temas associados, tais como direito e preparação para a paz; educação, subjetivismo e o mundo da gestão empresarial; complexidade; educação e trabalho no novo milênio; educação no meio empresarial; e currículo e educação. Com base nos aportes teóricos aduzidos, o estudo alenta pesquisadores do campo de educação, mais propriamente da teoria curricular, a averiguar se a dinâmica curricular contempla objetivos e conteúdos relevantes, baseados em fundamentos humanizadores, ou se esses objetivos e conteúdos privilegiam somente a instrumentalização de

<sup>1</sup> Pós-doutorando. Doutor em educação pela UCB/DF. fpauloadm@gmail.com

discentes meramente em pressupostos de competitividade técnico-prática, em detrimento de fundamentos de cooperação e da humanização dos indivíduos.

**Palavras-chave:** Educação, currículo, complexidade.

## INTRODUÇÃO

O contexto mundial deste século é fartamente marcado por transformações num jogo de tendências e contratendências que podem levar a novos paradigmas, envolvendo vários níveis e ritmos diversos de integração e de fragmentação, de instabilidade e de desagregação, para os quais os indivíduos precisam estar vigilantes.

Vivemos em uma época rica em mudanças, que marcam o fim de um período e início de outro, de quebra de paradigmas antigos e construção de novos, propícia ao exercício do aprender, desaprender e reaprender. Pensadores modernos da complexidade como Morin (2011, 2009, 2008a, 2008b, 2008c, 2008d, 2004, 1996, 1982), Laszlo (2008, 2001), Prigogine (1996), Elias (1994), Capra (2007, 1980), Besnier (1996) e educadores como Assmann (2007), Carneiro (2001), Casassus (2009) e Freire (1979, 1983, 1996, 2001, 2005) convidam à descoberta de outras formas de ver o mundo, à busca de elevação da consciência, de melhor convivência com os outros e com o planeta e de saídas do labirinto em que se encontra a humanidade. Essas reflexões conduzem, conseqüentemente ou para tanto, ao repensar do processo educacional.

Desenvolver a capacidade de lançar olhares diferentes sobre a realidade construída permitirá ao homem duvidar do que existe, enxergar novas e infindáveis possibilidades de mudança de verdades tecidas, quase sempre, por pensamentos lineares que desenham o mundo sob a estruturação de paradigmas econômicos e sociais determinísticos e fragmentários, segundo pensa Capra (1980, 2007).

Conforme cita Guimarães (2005), a promoção da paz e dos direitos humanos, como outros anseios da humanidade, são problemas “que dizem respeito à comunidade humana como um todo, independentemente de suas tradições culturais específicas”. Para o autor, essa promoção exige ações sinérgicas conjuntas e clama por assunção de responsabilidade solidária universal, descabendo, vivamente, “qualquer posição de indiferença, fuga, resignação ou submissão” (2005, p. 18).

Para Laszlo (2008), entramos no despertar do espírito humano empurrados por um mundo de sofrimento e limitações, de configurações sombrias para o futuro, o que impõe indagações sobre o significado do fazer do homem e acerca da futuridade da sua atuação e para onde, com sua ação, os indivíduos encaminham a humanidade. Em linha idêntica, enquanto Russel (1995) faz referência a uma “catástrofe coletiva” e clama por grandes mudanças fundamentais, Morin (2008a) sistematiza um conjunto de reflexões para o repensar da educação. Esse autor descortina sete saberes considerados eixos fundamentais para guiar as ações educacionais e para os quais convida à contemplação: a) a cegueira do conhecimento; b) os princípios do conhecimento pertinente; c) o ensino da condição humana; d) a identidade terrena; e) o enfrentamento das incertezas; f) a compreensão do gênero humano; e g) a ética do gênero humano.

Na análise sobre os fundamentos perdidos e essenciais da humanidade, Morin (2004) cita que o mundo se encontra na pré-história do espírito humano, convivendo, simultaneamente, com excedentes de produção e fome, com doenças e avanços tecnológicos nunca vistos, com oportunidades de proteger e com catástrofes ecológicas, demográficas e sociais. Diante desse cenário, o autor concita o homem a se perguntar o que deve saber e deve fazer, assim como o que lhe é permitido esperar diante do que faz.

Ao aduzir essas perguntas, Morin (2004) afirma que o homem estaria, de certo modo, se dispondo a afrontar os problemas que lhe afligem, despertando a esperança e, naturalmente, engendrando um projeto de mudança, que se iniciaria pela resposta à pergunta “o que o homem deve saber” para reverter o quadro que, há muito, se encaminha a maior e indesejável desconforto da humanidade? Desestabilizar os paradigmas vigentes, abrir os sistemas e elaborar novas equações são próprios do mundo da ciência, acredita o autor, pois duvidar das certezas e verdades contribui para construção de conhecimento novo e para o advento de outras formas de pensar e de agir. Esta linha de duvidar do que existe não

é nova, pois Ribeiro (1986) aludia, àquela época, à necessidade de transformações radicais frente, dentre outras mazelas, ao caráter catastrófico do sistema produtivo de então, notoriamente voltado, em excesso, para a competição desenfreada e muito menos para o espírito humanitário cooperativo.

Não se olvida de que o sistema produtivo moderno tem como ideia central a competição que, quando saudável, é mola propulsora do progresso de organizações e nações, induz à inventividade, à inovação, à economia de recursos, ao aumento da produtividade e da produção. Em tese, favoreceria ao bem-estar da sociedade, à descoberta de novas formas de produzir e de distribuir bens e serviços, enfim, tornaria mais efetiva a ação humana nas organizações.

No rastro da necessidade de aumento de produtividade, modificaram-se as relações e padrões de produção, impuseram-se às nações e suas instituições adequação de formas de aprendizagem e preparação para competitividade acirrada, que é caudatária da globalização da economia. A ordem econômica e a produtividade passaram a ser, assim, orientadores de novas mudanças, novos objetivos e conteúdos curriculares e de novos saberes. Eis a escola reproduzindo essa nova ordem, gerando, como afirma Mészáros (2008), uma suposta superior elite meritocrática, tecnocrática e empresarial.

A despeito disso, atualmente em especial, a débâcle se insinua geral, em todos os continentes, em todos os ramos das atividades que visam somente lucro, iniciada e com mais intensidade em país onde há profusão de literatura sobre gestão e competitividade.

Os modelos apresentados como panaceia para os problemas técnicos, mercadológicos e de competitividade das organizações não foram capazes de evitar quebra de empresas e crises que vitimam a todos, talvez porque formulados à sombra da ignorância do funcionamento do mundo tal como concebido por seus autores, e não tal como ele se reproduz na realidade.

Este artigo é etapa preliminar de um estudo de doutoramento cujo objetivo foi investigar a existência de conteúdos e objetivos axiológicos, nos cursos de administração, que permitam equilíbrio entre cooperação e competição, visando preparação pessoal e profissional dos administradores para atender aos desafios de uma formação integral desses profissionais.

Neste texto, abordam-se a duas etapas do estudo, que são a introdução e as justificativas para o estudo, com um corte voluntarista do pesquisador, quiçá alentado, com abordagens qualitativas e procedimento bibliográfico de pesquisa.

A tese de doutorado engloba diversidade de temas como educação como direito e preparação para a paz; educação, subjetivismo e o mundo da gestão empresarial; complexidade; educação e trabalho no novo milênio; a educação no meio empresarial e currículo.

Por isso, se afigurou prudente apresentar, neste espaço, somente parte do estudo, visto que eventual apresentação de todos os resultados da pesquisa, acompanhados de discussão e considerações finais, poderia aligeirar as abordagens básicas e provocar eventual decalagem entre os achados da pesquisa, análises e conclusões, ensejando redução de compreensão da totalidade do estudo.

## METODOLOGIA

Uma revisão de literatura com essas características permitirá ao pesquisador lançar luzes sobre o que investiga por meio de relatos da interpretação e compreensão da linguagem empregada na produção social do campo em estudo. Com isso, procurou-se manter e fundar uma verdade estável, até que mude, gerada, afirmada e cultivada no diálogo entre os autores consultados (Nascimento; Sousa, 2015, p. 315). Teve caráter hermenêutico, buscando revelar o que pretenderam dizer os autores, bem como aclarar os enunciados e facilitar entendimentos que possam ser emprestados ao que se pretendeu dizer.

Portanto, é um estudo propedêutico e científico já nessa etapa, que recorre à literatura para apontar os consensos e as divergências sobre o equilíbrio entre paradigmas da cooperação e da competição em currículos. A pesquisa bibliográfica é um trabalho de natureza exploratória, que propicia bases teóricas ao pesquisador para auxiliar no exercício reflexivo e crítico sobre o tema em estudo, conforme leciona Gil (1991). Na esteira do dizer de Nascimento e Sousa (2015), como base teórica do estudo, foi leitura seletiva, analítica e interpretativa da literatura respectiva, servindo em primeiro momento, para aguçar a curiosidade do pesquisador e despertar inquietações sobre o tema a ser estudado.

A par de ambientar teoricamente a evocação do problema de pesquisa e alguma incompletude a indagações e respectivas respostas, na linha exposta por Crhis Hart (1988), a pesquisa bibliográfica reflete conjunto de pensamentos sobre o objetivo investigado, prioriza obras recentes; e, na medida do possível, busca abstenção de juízos apressados e ideológicos, respeitando as ideias dos escritores originais mediante moderação nas análises.

Oportuno citar que pesquisa, a ser apresentada em outro estudo, trata de teoria curricular, em uma abordagem qualitativa, que contou com questionários e entrevistas envolvendo alunos e professores de cursos de administração, gestores e empregados de algumas empresas, pesquisa documental e bibliográfica.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A sociedade exige que o processo educacional seja consentâneo com os desafios dos tempos atuais, com destaque para os aspectos humanizadores do novo milênio. Nesse diapasão, são flagrantes as preocupações e as incertezas quanto ao desenvolvimento, pelas instituições de ensino, de um processo educacional capaz de estabelecer equilíbrio entre a consciência e a ciência, ou seja, entre a razão e a emoção, apto a, simul-

taneamente, qualificar o indivíduo para o trabalho e prepará-lo para a cidadania.

Para tal equilíbrio, a educação deve laborar para a emancipação intelectual, para o desenvolvimento profissional e para o burilamento emocional e moral dos indivíduos, num processo de formação integral que melhor atenda à complexidade do ser humano e da sociedade contemporânea, caracterizada, também, pelo dinamismo e pelas incertezas.

Ademais de preparar para o trabalho, inquieta a urgência e a primazia do alento para a educação desenvolver no indivíduo a capacidade de conviver em harmonia com o outro e com a natureza, em franco processo interativo. Uma educação que considere, precipuamente, por meio do desenvolvimento humano, a inteireza do ser e a coesão social, a par de preparar pessoas para o mundo do trabalho.

Estas dimensões – capacitação para o trabalho e para a formação humana, se constituem requisitos fundamentais em cursos de preparação de administradores, exigindo o equilíbrio dessas dimensões na elaboração de objetivos, na seleção e na organização de conteúdos curriculares.

Nesse passo, não se tem certeza sobre a importância que alunos, professores e diretores de instituições de ensino emprestam a conteúdos de aspectos axiológicos a serem desenvolvidos nos currículos dos cursos de administração. Não se tem certeza, também, se estes currículos carregam, de forma direta ou transversal, objetivos e conteúdos valiosos sob o ponto de vista de valores. Igualmente, dado o ambiente de competição acirrada trazido e nutrido pelos novos tempos, inexistente certeza sobre o apreço, entre dirigentes e trabalhadores, pela prática de valores no exercício da gestão empresarial.

Se, por um lado, a sociedade em geral privilegia excessivamente a competitividade em desfavor da cooperação, por outro, esta mesma sociedade, por meio de reflexões e pensamentos de estudiosos, demonstra a importância do resgate da dimensão humana nos processos educacionais para formação integral do indivíduo.

Dentre os autores que tratam da complexidade e da necessidade de resgate da dimensão humana nos processos educacionais, é possível destacar: Touraine (1992), quando alude à interação entre sujeito e razão; Morin (2001, 2008a e 2008b), que alerta para os perigos da ciência sem a consciência, enfatiza a complexidade das relações com o todo e repete o que perguntou Karl Max - “mas quem educa os educadores?”; Prigogine (1996), Laszlo (2008) e Besnier (1996) realçam os valores humanos como pilares de sustentação para guiar a ação dos indivíduos; Albala-Bertrand (1999) cita a necessidade de vínculo entre os ideais educacionais e as exigências práticas do mundo do trabalho; Assmann (2007), tratando do reencantamento da educação, alude à “pedagogia da complexidade”; Ken Wilber (2006) se opõe ao processo de materialização em detrimento da humanização ao tratar do desastre da modernidade conhecido como “terra plana”, desenvolvido por um processo de materialização, racionalização e mecanização do universo, do indivíduo e da sociedade; Freire (1979) enfatiza os fundamentos humanizadores da educação e sua capacidade libertadora, bem como a necessidade de permanente atitude crítica; em linha idêntica, Casassus (2009), indaga se a educação labora para a construção de uma consciência verdadeira.

Assomam-se preocupações com a possibilidade de a dinâmica curricular contemplar objetivos e conteúdos relevantes, baseados em fundamentos humanizadores, ou se esses objetivos e conteúdos têm em vista apenas a preparação de estudantes calcados meramente em pressupostos de competitividade técnico-prática, em detrimento de fundamentos de cooperação.

Talvez seja apropriado duvidar das certezas ditadas pelas escolas de administração e pelas empresas seguidoras, hoje comandadas por gestores rodeados de números e mandantes, em sua maioria tecnocratas e econocratas ancorados, quase sempre, em saberes parcelados, dominados por pensamentos determinísticos e fragmentários. Esses atores, não raro, consideram o que lhes rodeia só quando vislumbram crescimento e lucros. São organizações de especialistas em pequenas coisas, voltados

para o desempenho individual e sucesso empresarial, com as devidas ressalvas, claro. Para Debord (1997), são profissionais midiático-estatais e privados, que servem a um senhor e por isso dotados de baixo poder de autorreflexão, aos quais recorrem outros profissionais que perderam autonomia reflexiva de voltar as consciências para analisar o que fazem e para que fazem.

Os detentores de saberes fragmentados, ou seja, treinados para fazer algo isoladamente da contextualização, talvez sejam profissionais que não reconhecem sua relação de pessoa singular com a pluralidade, conforme afirma Elias (1994), em *Sociedade dos Indivíduos*. Esses sujeitos operam como se fossem entes isolados, que se bastam, sem correlação com o todo. Essa característica não agregadora das coisas do mundo e o apreço pelo estanqueísmo podem conduzir ao absolutismo, ao domínio total sem os freios da prudência e desnutridos de contemplação das ameaças de que trata Chomsky (2004).

Seriam saberes eminentemente universitários, baseados em verdades “definitivas” transmitidas, quiçá, sem cuidados com o contexto e com aspectos globais, mas que, talvez, não passem de histórias prováveis para o tempo e espaço em que se situam? Seriam construídos e desdobrados sob os auspícios da prevalência da técnica somente, da competitividade excessiva e excludente, das grandes administrações burocratizadas e tecnocratizadas citadas por Morin (2011)? Constituiriam saberes eivados de modelos e técnicas, desprovidos de valores, gerando lucro econômico e pobreza social a que se refere Morin (2008)? Esses saberes estariam afetados por eventual deficiência de identidade docente de professores ensejada pelos conflitos próprios da modernidade lembrados por Giddens (1991, 2002)?

É este corte científico e tecnicista de gestão que parece presidir a ação docente na preparação de estudantes de administração, que talvez inobserva a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, despreza ou desconhece as conexões das partes com o todo. E o que fazem os professores? Não seriam, os mestres, os responsáveis pela seleção de objetivos

e conteúdos curriculares valiosos, pela mediação e construção de conhecimentos relevantes para o indivíduo e para a sociedade, pela arquitetura do futuro? Não seriam os docentes, por dever de ofício, encarregados de lançar luzes de indicação de novos caminhos para, de um lado, preparar pessoas para o trabalho e, de outro, despertar e avivar a vocação fraterna dos indivíduos mediante a reforma do pensamento?

É fato que a educação superior nas ciências gerenciais é conduzida pela nova ordem globalizante, ensejadora de transformações que afetam o mundo, alteram as relações de poder, econômicas e culturais. Mais que colaborar para a redução de desigualdades, essa nova ordem alargou diferenças de desenvolvimento entre povos, criou fossos econômicos e sociais, podendo trazer a reboque a redução de oportunidades de educação. E o que é inquietante, é que a ordem assim estabelecida tende a ser agasalhada pelas instituições de ensino, pois, conforme leciona Gomes (2005, p. 104), a escola “contribui para a construção do consenso social e da continuidade”

Nesse ponto, importa indagar se o conhecimento científico de administração de empresas, por si só, é capaz de dar cabo da gestão de organizações, dissociado de questões epistemológicas, filosóficas e éticas. Cabível indagar, ainda, se as intenções educacionais, cujos veículos principais são os currículos, têm em vista a preparação do homem para competir a qualquer custo ou para cooperar, isto é, se os objetivos e conteúdos curriculares refletem primazia de aspectos fragmentários, utilitários, técnico-práticos instrumentalizadores para o sucesso pessoal ou empresarial, ou se são baseados em valores humanos validados pela comunidade planetária.

O que se impõe pretender, considerando que a educação deve envolver as dimensões técnico-científica e humanística, é uma formação que envolva ambas as dimensões, sem deixar de lado os objetivos e conteúdos que preparam indivíduos para o trabalho, mas também incluir as questões axiológicas da educação.

Segundo Russel (1982, p. 155), “precisamos de uma visão de mundo, de uma visão holística, não exploradora, ecologicamente coerente, pacífica, humanitária, cooperativa, global e com considerações de longo prazo”. Nessa linha, o autor prega mudanças na nossa forma de viver, “no modo como nos relacionamos; com nossos corpos e com aquilo que nos cerca; mudança em nossas necessidades; mudanças naquilo que exigimos dos demais e do planeta; e mudança em nossas maneiras de perceber, conhecer e apreciar o mundo”.

Ainda de acordo com Russel (1982), impõe-se a busca de um quadro mental com imagens positivas para influenciar atitudes e comportamentos individuais, no que é acompanhado por Araújo (2007, p. 33) quando preconiza que “romper com o determinismo em nosso pensamento, com a certeza do que queremos ter no futuro, permite ver o mundo de forma diferente”.

Afigura-se apropriado, pois, de acordo com diversas correntes de pensamentos do campo da educação e da complexidade, focar a necessidade de inclusão de objetivos e conteúdos axiológicos como forma de contribuir para a formação de administradores que conciliem competitividade e cooperação e favoreçam a ambientes de melhor convivência entre as pessoas, as sociedades, as nações e o planeta.

A construção da paz mundial é um empreendimento humano complexo, talvez possível, mas inacabável, de responsabilidade mais dos que hoje habitam um mundo que é cercado de complexidade e de incertezas, e menos dos que virão. Assim, os indivíduos que compartilham o planeta precisam ter coragem de averiguar as verdades e certezas construídas ao arrimo de paradigmas ultrapassados, de afrontar pressupostos e de pensar em novas formas de viver pois, conforme depreende-se da leitura de Capra (1980, 2007), buscar solução para problemas com pensamentos idênticos ao que lhes geraram talvez não seja profícuo. Abrir as mentes é preciso, pois a desordem prospera em sistema fechado e tido como pronto e acabado.

É oportuno investigar o apreço que as instituições de ensino superior e seus atores nutrem por objetivos e conteúdos curriculares que contemplam aspectos axiológicos para, a partir da investigação, saber se o desencanto com os rumos da comunidade planetária padece de solução de continuidade ou se há abertura que permita o vislumbre de perspectivas, via educação, para a construção de um mundo mais solidário.

Talvez igualmente importante seja identificar aspectos predominantes nas empresas: se tendentes à primazia da competitividade exacerbada ou se acolhem valores humanitários e com eles convivem. É que o papel das organizações se apresenta relevante à formação da cultura do indivíduo, pois, no dizer de Pagés et al (1987), as organizações exercem domínio sobre os indivíduos, sobre a sociedade e sobre as nações. Para esses autores, as organizações têm forte poder de influenciar culturas e modos de viver e seriam, por isso, em razoável medida, atores sociais responsáveis pela agonia do sistema, pela realidade e pela era da violência doce. Essas organizações são compostas, em boa escala, de administradores.

Uma vertente de relevância social para justificar o estudo seria a necessidade de conhecer os valores predominantes nos ambientes acadêmicos e empresariais. Este conhecimento propiciaria uma reflexão sobre a urgência de mudanças da rota em que o mundo se encontra, via educação, em especial dos profissionais de administração – eis que são os responsáveis por organizações do setor privado, setor público e terceiro setor, ou seja, cuidarão de atender demandas da humanidade presente e futura.

Por outro prisma, as descobertas da pesquisa poderão ser acrescidas ao conhecimento já construído sobre inclusão de aspectos axiológicos em objetivos e conteúdos curriculares de cursos de administração. A ausência ou presença desses objetivos e conteúdos podem desfavorecer ou contribuir, respectivamente, para formação humanitária dos administradores e, por via de consequência, influenciar nos valores empresariais.

Por isso, afigura-se interessante identificar em que medida alunos de cursos de administração dialogam sobre valores, seja na arena escolar

como um todo, seja na sala de aula, sobre a necessidade de alterar paradigmas da profissão. E se essa alteração implica mudanças dos objetivos e conteúdos sob a égide das bases fundamentais para elaboração de currículos.

O repensar da educação talvez constitua um exercício de ética do gênero humano, o que requer apreciação de aspectos axiológicos a que se obrigam educadores e educandos dos diversos níveis escolares e cursos. E não poderia ser diferente com professores e alunos dos cursos de administração.

Sensações éticas e análises morais (Dilthey, 1994) não seriam atributos humanos, que cada indivíduo constrói, desenvolve e carrega consigo? E não são estes indivíduos, os administradores inclusive, que compõem e moldam o tecido social? Resultando este tecido dos diversos vetores individuais e coletivos, não é demasiado admitir que o vácuo ético nas relações entre profissionais, organizações, fornecedores e consumidores tem forte correlação com a fragilidade da ética pessoal. Esta, hoje, é bem caracterizada pelo excessivo interesse do indivíduo por si próprio, pelo individualismo exacerbado, pelo narcisismo desmedido e pelo frágil sentido de solidariedade.

Com efeito, se as organizações são dirigidas por pessoas que assimilam não-virtudes, e se estas pessoas moldam as crenças das organizações, à medida que o homem despreza valores humanos, as empresas tendem a fazer o mesmo e a resvalar na moral e, às vezes, a abandonar a ética.

Do ponto de vista individual, em linha defendida por Motomura (1995), os administradores devem primar pelo resgate e pelo fortalecimento de valores como cooperação, oportunidades de desenvolvimento mútuo, confiança no futuro, respeito humano, honestidade, desprendimento, dedicação e humildade. Seria um caminho para alterar modelos mentais de executivos e trabalhadores de entidades privadas e públicas cuja escala de valores, atualmente, é baseada excessivamente em expansão, competição, quantidade produzida e dominação. A despeito desse conjunto de valores, hoje, cada vez mais, os modernos modelos de gestão

tendem a valorizar o sentido da complexidade, da cooperação, da qualidade, da parceria e da autoestima individual e coletiva.

Lucca (2008), executivo de uma grande organização nacional, quando deixou de ser diretor e passou a presidente da empresa, assim se apresentou aos seus líderes: “você já me conhecem bem, como diretor, e agora, que estou assumindo a presidência, quero que saibam que vou atuar dentro da filosofia cristã.” E listou os princípios que guiariam sua gestão: “Creio nos princípios da harmonia, da solidariedade, do respeito mútuo, da confiança, da honestidade, da ética e da disciplina” E complementou: “a justiça será sempre valorizada, todos trabalhem e sejam iguais na busca do bem comum” (Lucca, 2008, p. 23). Decerto, é um pensamento peculiar, todavia moderno, elogioso, desejável e vocacionado para o sucesso.

Seria possível reformar o ensino em administração, incluindo objetivos e conteúdos curriculares sobre valores, visando preparar profissionais que, dada a amplitude de ação, poderiam ajustar crenças e atitudes e eliminar disfunções individuais e empresariais? Em vez de formar indivíduos para administrar empresas voltadas à competitividade e ao lucro a qualquer custo, impõem-se conteúdos e intenções educacionais que levem os futuros profissionais (o estudante) a, além de bem desincumbir-se de suas funções objetivando melhoria de sua empregabilidade e o progresso de sua empresa, educar-se para cooperar e colaborar para uma vida comunitária saudável.

Nessa linha de busca de resgate de valores individuais – que mudam os valores empresariais, seria interessante para a vida de todos que a educação objetivasse formação de administradores para trocas de referenciais, dentre as quais: do trabalho movido pela motivação extrínseca e por objetivos definidos por outras pessoas, pelo trabalho permeado pelo prazer de fazer e por motivação intrínseca; da prevalência absoluta dos interesses dos acionistas, pelo privilégio, compartilhado, dos trabalhadores, dos clientes, dos acionistas e de outros agentes do presente e do futuro.

Inscrevem-se ainda outras trocas de valores, não menos importantes, como a mudança da ideia do lucro pelo lucro, pela ideia da qualidade de vida do ser humano; do apego excessivo à competitividade ensejadora da relação “perde-ganha”, que ao fim é um jogo de soma igual a zero, pela cooperação do “ganha-ganha” (Nalebuff; Branderburguer, 1996); do apego à crença no imediatismo e na luta pela mera sobrevivência, pela consciência da continuidade e do viver pleno; da redução da busca dos resultados exclusivamente numéricos e materiais, pelo respeito a evolução do nível de consciência individual, grupal e global, conforme pensa Motomura (1995).

Seriam trocas que, enfim, primariam pela adoção de paradigmas que tendam a encadear fatos e fenômenos como engrenagens vivas e com possibilidades múltiplas e evolutivas, em vez de considerar eventos como relações meramente lineares de causa-efeito, estanques.

Esse transformar de pensamento, trocando “não-valores” por “virtudes organizacionais” pode fazer aflorar maestrias pessoais, em que as aspirações e os sonhos pessoais despertam e potencializam a capacidade criativa de cada indivíduo; labora para a transparência das formas de pensar, conferindo profundidade e verdade nos diálogos e nos relacionamentos entre as pessoas e os grupos.

Essas virtudes podem, ainda, favorecer à aprendizagem coletiva, estimular a inteligência de todos para o bem, a ajuda mútua e a evolução em conjunto; bem como facilitar o compartilhamento de visões, ensejando aspirações grupais e sonhos coletivos em que todos, irmanados e em cooperação, possam alcançar níveis de vida saudável e produtividade satisfatória. Pode, enfim, dar significado ao trabalho de cada pessoa e colaborar para o desenvolvimento sustentado das organizações e, por consequência, da sociedade, em função do alcance de suas ações e da futuridade auspiciosa a que são induzidas.

Esse processo educacional deve alcançar o desenvolvimento da visão ecológica, aí incluídas todas as coisas e seres do céu, da terra e do mar. Nessa linha, impõe-se uma visão que considere o universo como um sis-

tema vivo composto por infindáveis outros sistemas, formado por redes de relacionamentos, em vez de se imaginá-lo um sistema mecânico, formado por blocos separados de construção.

Educar o administrador para trocar a vida social resumida em uma luta competitiva pela simples existência, por uma vida social comunitária e cooperativa dentro de um todo interdependente e colaborativo. Mudar a ideia de que o trabalhador seja mera máquina biológica composta por partes fragmentadas, pela noção de que ele constitui um sistema integrado que forma um todo inseparável; alterar a ênfase nas partes separadas, nos objetos, nas estruturas, nas hierarquias, pela atenção ao todo integrado, às pessoas nas suas singularidades, aos relacionamentos, aos processos, às redes, à interdependência (Motomura, 1995).

Educar para abandonar o pensamento exclusivamente cartesiano, fragmentário, racional, calcado em relações de causa e efeito, reducionista, pelo pensamento baseado na abordagem da complexidade, a que aludem, entre outros, Morin (1982, 1996, 2008a, 2008b, 2008c, 2011), Laszlo (2001, 2008), Nicolescu (2002), Capra (2007), Assmann (2007), Wilber (2006), que considere o pensar intuitivo e não somente o linear; permutar a crença no progresso material ilimitado a ser obtido pelo crescimento econômico e tecnológico, pelo apreço ao desenvolvimento sustentável e amplo a ser alcançado por legítimo e intenso alento das capacidades humanas e uso parcimonioso dos recursos naturais.

O processo de aprender, desaprender e reaprender a elaborar currículos valiosos para a humanidade pode fazer do administrador o protagonista de seu destino e mentor de suas organizações, fortalecer o senso ético e ecológico (Moraes, 2010); robustecer o significado do trabalho e glorificar a existência das pessoas como laborativas. Pode, também, cooperar para o revigoramento do tecido social e para seu polimento moral, conferir utilidade e crescimento sustentado às organizações, reconhecendo-lhes razão de ser e responsabilidade social. Talvez possa, ainda, ensejar harmonia e solidariedade entre os indivíduos, a coletividade, as organizações e a natureza, além de reduzir a nebulosidade sobre o futuro da humanidade.

Se a humanidade padece de inúmeras mazelas e seu futuro é sombrio, como dizem Morin (2004), Laszlo (2008) e Russel (1982), mudem-se as formas de agir das organizações, que são instâncias dedicadas à satisfação das necessidades da humanidade e formadoras de culturas, que carregam desdobramentos de caráter econômico, político, ideológico e psicológico sobre os indivíduos e a coletividade planetária.

Como construções humanas que são as organizações, pois formadas por pessoas que lhe dão vida e alma, a responsabilidade e a liberdade para a ação das empresas residiriam nos indivíduos que lhe moldam, em larga medida nos seus mandatários, isto é, em seus administradores.

O ente jurídico - a organização - é inerte, enquanto os seres humanos, em especial os administradores, são molas propulsoras de seus valores, comportamentos e atitudes, lhe movem, aceleram ou param, estabelecem limites de prudência, determinam rumos e dão um viés responsável ou negligente de atuar para as comunidades próximas e distantes, do presente e do futuro.

Natural, pois, a formação de profissionais de administração de empresas que adotem como dever de ofício a busca sincera do equilíbrio entre o interesse social, econômico e ambiental. Cabível, para tanto e como pré-requisito, alterar o que é ensinado aos administradores via nova dinâmica curricular consentânea com os anseios humanizadores do novo milênio.

Não se olvida de que o empreendimento científico proposto possa vir a enfrentar sentimentos coletivos contrários adensados, a petrificarem-se, pois, no dizer de Durkeim, “é em ideias e em sentimentos deste gênero que repousam as práticas educativas”, pois, continua o pensador, essas práticas “têm um caráter essencial: resultam sempre da ação exercida por uma geração sobre a geração seguinte, com vistas a adaptá-la ao meio social no que é chamada a viver” (2007, p. 75).

Como lido em outros autores, esse meio já não é o desejado pela maioria da humanidade, o que impõe o despertar de novos anseios e jornadas intelectuais à busca de mudança, conquanto, parece-nos, seremos

todos chamados a construir outro mundo diferente do que se avizinha, e nele viver.

Talvez o empreendimento acadêmico proposto possa ser considerado mero voluntarismo ou empiria universitária. Quiçá possa, também, adensar os clamores por mudança testemunhados pelos muitos reportes teóricos aduzidos no estudo, constituindo um alento para novos tempos. A tentativa de provocar mudanças não deverá ser vista como uma empreitada semelhante ao trabalho de Sísifo, (Personagem mitológico condenado a, eternamente, rolar uma grande pedra até o cume de uma montanha. Quando ele estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida), mas como um contributo à busca de mudança. É certo que a nova ordem cogitada será vetor de resistência. Porém, tanto se põe água limpa em balde com água turva, que ao longo de um tempo, com a perseverança, a água do balde tornar-se-á limpa.

No dizer de Einstein (1981, p. 86), no âmbito da cooperação intelectual faz-se necessária e oportuna “uma propedêutica dos espíritos”. Cita o pensador que “é necessário, pois, que despertemos nos homens um sentimento de solidariedade que não se detém nas fronteiras, como se faz até agora”. Até porque, conforme lido em Capra (2007, p. 170), independentemente dos limites geográficos, “todos os sistemas vivos são redes de componentes menores, e a teia da vida como um todo é uma estrutura em muitas camadas de sistemas vivos aninhados dentro de outros sistemas vivos”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oportuna, pois, investigação da dinâmica dos currículos dos cursos de administração, com base nos seus objetivos e nas suas implicações, atores e aspectos que lhes cercam, para sabê-la se adequada a novos tempos, isto é, baseada em valores humanos compartilhados pela sociedade

global, aceitos pela natureza, ou se calcado em mera preparação instrumental do indivíduo para competir.

Os conteúdos curriculares devem contemplar equilíbrio entre suas duas principais dimensões - capacitação para o trabalho e formação humana, que configuram os requisitos fundamentais em cursos de preparação de administradores, exigindo adequado dimensionamento dessas dimensões na elaboração de objetivos, na seleção e na organização desses conteúdos.

Outra linha de pesquisa que pode suscitar o presente trabalho é a averiguação quanto à importância que dirigentes de instituição de ensino, alunos e professores conferem a disciplinas e a conteúdos de aspectos axiológicos constantes dos currículos dos cursos de administração. No mesmo passo, talvez seja oportuno pesquisar em que medida os currículos apresentam objetivos e conteúdos valiosos sob o ponto de vista de valores. Não seria demasiado sugerir estudo sobre o apreço a valores, por parte de dirigentes e trabalhadores, na gestão empresarial, dado que o atual ambiente de competição acirrada pode exigir adaptação dos modelos de gestão aos novos tempos.

Para além da dinâmica curricular, se afiguram oportunas análises dos projetos pedagógicos dos cursos, bem como observações e avaliações do fazer docente, para saber se o que se faz na arena escolar - a sala de aula, é condizente com os projetos e currículos, o que alcançaria aspectos atinentes à autonomia e identidade dos professores e à profissionalidade docente.

Assim, os referenciais teóricos aduzidos convidam à contemplação da possibilidade de os currículos de cursos de administração propiciarem aos estudantes a necessária formação humanizadora, ou se estão voltados meramente para instrumentalizar discentes para o mundo da competição.

## REFERÊNCIAS

ALBALA-BERTRAND, L. (org.). **Cidadania e educação**: rumo a uma prática significativa. Campinas: Papyrus; Brasília: Unesco, 1999.

ARAÚJO, Ulisses F. A construção social e psicológica dos valores. In: ARAUJO, Ulisses F.; PUIG, Josep M; ARANTES, Valéria A. (org.). **Educação e valores**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2007, p. 17-64.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 2007.

BESNIER, Jean-Michel. Um novo humanismo. In: MORIN, Edgar et al. **A sociedade em busca de valores**: para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, p. 155-161.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2007.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1980.

CARNEIRO, Roberto. Aprender e educar no século XXI. In: **Fundamentos da educação e da aprendizagem**. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2001.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: Unesco, Líber Livro, 2009.

CHOMSKY, Noam. **O império americano**: hegemonia ou sobrevivência. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DILTHEY, Wilhelm. **Sistema da ética**. São Paulo: Ícone, 1994.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Lisboa. Edições 70 LDA, 2007.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. (org.). Ana Maria Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991

GOMES, Cândido A. **A educação em novas perspectivas sociológicas**. São Paulo: EPU, 2005.

GUIMARÃES, Marcelo R. **Educação para a paz**: sentidos e dilemas. Caxias do Sul/RS: Educs, 2005.

HART, Christopher. **Doing a literature review**. Releasing the social science research imagination. London: Sage Publications, 1988.

LASZLO, Erwin. **A ciência e o campo akáshico**: uma teoria integral de tudo. São Paulo: Cultrix, 2008.

LASZLO, Erwin. **Macrotransição**: o desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Axis Mundi, Antakarana/Willis Harman House, 2001

LUCCA, Élcio A. de. **Gestão para um mundo melhor**: o empresário que criou um inovador modelo de gestão que concilia o sucesso das pessoas, da empresa e do país. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORAES, Maria Cândida. Complexidade e transdisciplinaridade na formação docente. In: MORAES, Maria Cândida; BATALLOSO, J. M. N. (org.) **Complexidade**

**e transdisciplinaridade em educação:** teoria e prática docente. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010. p. 175-205.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes:** complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Atakarana/WHH – Willis Harman House, 2008.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Portugal: Editora Fayard, 1982.

MORIN, Edgar. Complexidade e liberdade. In: MORIN, Edgar et al. **A sociedade em busca de valores:** para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, p. 239-254.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX:** necrose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MORIN, Edgar. **Em busca dos fundamentos perdidos.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

MORIN, Edgar. **O método 3:** o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORIN, Edgar. **O método 5:** a humanidade da humanidade: Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2008.

MORIN, Edgar. Religar a ciência e os cidadãos. In: PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R. S. de; PETRAGLIA, Izabel (org.). **Ética, cultura e educação.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 47-54.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais:** o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

MOTOMURA, Oscar. **Coletânea o novo executivo.** São Paulo: Amana-Key, 1995.

NASCIMENTO, F. P. do. SOUSA, F. L. L. **Metodologia da pesquisa científica:** teoria e prática - como elaborar TCC. [https://books.google.com.br/books/about/Metodologia da pesquisa científica: teoria e prática.](https://books.google.com.br/books/about/Metodologia_da_pesquisa_cientifica:_teoria_e_prática)

NICOLESCU, Basarab. Fundamentos metodológicos para o estudo transcultural e transreligioso. In: SOMMERMAN, Américo; MELLO, M. F. de; BARROS, V. M. de (org.). **Educação e transdisciplinaridade, II**. Coordenação executiva do Cetrans. São Paulo: Triom, 2002. p. 45-71.

PAGÉS, Max; BONETTI, Michel; GAULEJAC, Vincent de; DESCENDRE, Daniel. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1987.

PRIGOGINE, Ilya. O reencantamento do mundo. In: MORIN, Edgar et al. **A sociedade em busca de valores**: para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 229-237.

RIBEIRO, Darcy. **América Latina**: a pátria grande. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

RUSSELL, Peter. **O despertar da terra**: o cérebro global. São Paulo: Cultrix, 1995.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

WILBER, Ken. **A união da alma e dos sentidos**: integrando ciência e religião. São Paulo: Cultrix, 2006.